



Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas sobre Marx e o Marxismo

# Marx e o Marxismo 2011: teoria e prática

Universidade Federal Fluminense – Niterói – RJ – de 28/11/2011 a 01/12/2011

TÍTULO DO TRABALHO			
<b>Emancipação e Bem Viver em Marx</b>			
AUTOR	INSTITUIÇÃO (POR EXTENSO)	Sigla	Vínculo
<b>Antonio Julio de Menezes Neto</b>	Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais	FAE/UFMG	Professor Associado
RESUMO (ATÉ 20 LINHAS)			
Marx, em suas obras, descreve e critica a sociedade do capital como dependente da reprodução da mercadoria, na qual os seres humanos ficariam reféns desta reprodução. Desta forma, o consumismo torna-se um dos pilares do sistema criticado por Marx, trazendo como conseqüência a necessidade de destruição da natureza e uma vida humana destituída de sentido. Ao mesmo tempo, seus escritos não negam que, mesmo sem mistificação, a emancipação humana, para além da sociedade do capital, necessita dos avanços da ciência e da técnica, para conquistarmos a “sociedade da liberdade para além da sociedade da necessidade”. Desta forma, as propostas dos indígenas andinos do “Bem-Viver”, que se aproximam, inclusive, da proposta zapatista no México, poderiam ser debatidas no seio da superação do capitalismo. Porém, para não haver o perigo da apologia da “pobreza” ou do “conformismo”, as discussões de Marx acerca dos benefícios da ciência e da técnica não podem ser desconsideradas.			
PALAVRAS-CHAVE (ATÉ TRÊS)			
Marxismo e natureza, marxismo e mercadoria, emancipação			
ABSTRACT			
Marx, in his works, describes and criticizes capitalism as dependent on the reproduction of commodities. Thus, consumerism becomes a pillar of the system criticized. At the same time, his writings do not deny that human emancipation needs the development of science and technology to achieve a “society of freedom beyond the society of needs”. The proposals of the Andean Indians “Well-living” and of Mexico’s Zapatistas could be discussed aiming at the end of capitalism. However, not as a defense of “poverty” or “acceptance of the situation”, Marx’s arguments about the benefits of science and technology should be aggregated in these discussions.			
KEYWORDS			
Marxism and nature, Marxism and merchandise, emancipation			

## Introdução

Debate-se, neste momento histórico e em diversas partes do planeta, alternativas ao modo de produção e de vida que possa superar o capitalismo, pois este é um sistema produtor e comercializador de mercadorias em sua essência e não é centrado no bem viver humano. E este modo de produção e reprodução da vida social não tem trazido uma vida melhor para os seres humanos. Pelo contrário, vivemos em um mundo em que a lógica destrutiva do capital é avassaladora, tanto da natureza quanto da vida social. E diversos movimentos sociais e políticos, como alguns movimentos críticos ambientalistas<sup>1</sup> ou movimentos políticos como o EZLN, denunciam e lutam por uma nova sociedade.

Consumir por consumir é a lógica do sistema capitalista, é o seu princípio e sua finalidade. Mas, atualmente, discute-se como alternativa -dentre muitos outros- ao modo de vida capitalista, o “Bem-Viver” (sumak kawsay, na língua quéchua). Este novo paradigma seria advindo dos índios andinos, que significaria, entre outros termos, “viver em plenitude”. Segundo Arkonada:

<sup>1</sup> Demarco aqui a diferença com movimentos ambientalistas integrados ao sistema. Também demarco diferenças com discussões superficiais acerca do ambientalismo. Chamo de “movimentos ambientais críticos” aqueles que debatem o capitalismo como um sistema incompatível com qualquer equilíbrio ambiental.

“Surgem novas construções híbridas entre conceitos milenares da cosmovisão indígena, como o **Bem-Viver**, e conceitos centenários, ocidentais e modernos, como a ética ou a moral” (ARKONADA, 2011).

E complementa:

“Mas hoje em dia, explica, não se pode dissociar este modo de vida de conceitos como descolonização (do poder e do saber) e desmercantilização da vida”. Por outro lado, o **Bem-Viver** nos convida a “sair da dicotomia entre ser humano e natureza” (ibidem).

O Movimento Fé e Política, no Brasil, tem debatido as propostas do bem-Viver, considerando-as coerente com a pregação cristã. Este tema foi central no “8º Encontro Nacional de Fé e Política”, que teve como tema “Em Busca da Sociedade do Bem-viver: Sabedoria, Protagonismo e Política<sup>2</sup>” Também no “III Encontro Nacional de Formação do Conselho Indigenista Missionário (Cimi)”, realizado em novembro de 2010, a proposta do Bem-Viver foi debatida (CONIC, 2011). Neste encontro, Paulo Suess, assessor teológico do Cimi, descreveu o “sistema capitalista como aquele em que há comercialização pelo lucro, colonização, mercantilização de tudo que é possível” (CONIC, 2011). E Pablo Dávalos, economista e professor da Universidade Católica do Equador, “falou sobre a ruptura radical que consiste o Bem Viver, frente a uma sociedade capitalista de processos de acumulação violentos” (CONIC, 2011). Mas ressaltou: “O liberalismo não compreende o bem viver. O marxismo também é insuficiente para entender este conceito”, afirmou. “Assim, a luta deve ser prática e teórica, criando novos conceitos e referenciais” (CONIC, 2011).

Mas será que o marxismo, como método de análise e referencial político seria realmente insuficiente para debater estes paradigmas? Certamente que não. O método de Marx abrange quase todas as questões colocadas pelo Bem-Viver, mesmo que sob “outra roupagem” ou sob nomes “menos religiosos” ou “menos cósmicos”. Sabemos como o peruano Mariátegui soube analisar o indigenismo andino sob a ótica de Marx e Engels. E sabemos que houve um encontro entre o marxismo do Exército Zapatista de Libertação Nacional –EZLN- com as lutas dos índios no México. Isto porque o método de Marx não é fechado, sendo antes, dialético.

É certo que aconteceram apropriações de Marx que buscaram aproximá-lo de um “positivismo” ou da “verdade absoluta”. Mas se enxergarmos a análise de Marx sob o prisma da dialética, veremos que, em um mundo em que as relações de reprodução do capital predominam -de diferentes formas, é verdade- em todas as partes do globo, este método dialético de Marx de compreensão do capitalismo e das possibilidades de sua produção e reprodução podem, e devem, ser estendidas as mais diferentes formas de reprodução das relações sociais de produção capitalista.

E estas estão presentes, de forma direta ou submetida, desde o capitalismo central, ao capitalismo dependente. Do capitalismo central ao andino. E como o Bem-Viver vai se deparar com este modo

---

<sup>2</sup>Realizado em Embu das Artes, São Paulo, no fim de outubro de 2011.

de produção e de vida impostos pela reprodução do capital, o método de Marx e o marxismo tornam-se fundamental para a compreensão e superação destas realidades.

### **A Natureza para Marx e Engels**

Nas discussões anteriores, mostramos que em Marx, e também em Engels, não existira uma ânsia em dominar a natureza para transformá-la em objeto produtivo para o ser humano, mas sim em transformá-la em algo útil ao bem viver humano. Pelo contrário, Marx e Engels sempre consideram o ser humano parte da natureza e são críticos do capital quando usam da natureza de forma destrutiva para auferir lucros.

Marx e Engels partem do princípio que somos seres da natureza. A relação entre o ser humano e a natureza sempre foi objeto de muitas especulações reificações. A cosmologia primitiva, assim como a cosmologia indígena vigente em diversas sociedades atuais, procura na natureza diversas explicações para o desenvolvimento histórico/social. Há uma alteridade, uma vida própria da natureza regendo a própria vida social e uma analogia entre o funcionamento da natureza e da sociedade:

A analogia consiste na projeção, na natureza, de características humanas; é algo como que a antropomorfização do mundo físico. Desta forma, os fenômenos naturais ganham atributos que, a rigor, deveriam se circunscrever ao âmbito humano: amor, ódio, compaixão etc, quase sempre sob a forma de posturas adotadas por potências divinas. (DUARTE, 1986, p. 14-15)).

Os gregos antigos também debatiam a cosmologia e, dividindo o mundo natural entre o ar e a água, começaram a ver a natureza na sua forma não sobrenatural. A modernidade cindiu o ser humano entre corpo e espírito. O pensamento cartesiano procede a esta separação e o cristianismo coloca o ser humano acima da natureza. Esta seria uma das grandes marca da modernidade.

E Marx rompe com esta dualidade. Para ele, a relação ser-humano/natureza é sempre dialética, pois somos seres da e na natureza. Lembremos da Crítica ao Programa de Gotha, em que Marx questiona os dizeres que pregavam ser “o trabalho a fonte de toda a riqueza” e ele debate defendendo não ser apenas o trabalho, já que a natureza é a fonte dos *valores de uso* tanto quanto o trabalho (MARX, 1984).

Esta frase de Marx mostra a importância que ele denota a natureza. Mesmo que ele esteja debatendo a natureza como fonte de riqueza, de modo algum demonstra algum menosprezo. Pois, como seres humanos da natureza temos de produzir nossa existência e a natureza, junto com o trabalho humano, é a fonte imprescindível para tal finalidade. Desta maneira, pressupõe-se, não deve ser esgotada e deve ser resguardada. Mas Marx é bastante claro quando nos coloca como seres da natureza, rompendo com o dualismo corpo/espírito:

A natureza é o corpo inorgânico do homem. O homem vive da natureza, ou também, a natureza é o seu corpo, com o qual tem de manter-se em permanente intercâmbio para não morrer. Afirmar que a vida física e a natureza são interdependentes significa apenas que a natureza se inter-relaciona consigo mesma, já que o homem é parte da natureza (MARX, 2001, p.116).

Mas considerando que temos de produzir valores de uso para todos os seres vivos, como

podíamos conviver da melhor forma possível dentro da natureza? Para Marx, o fim da produção anárquica para o mercado, com controle social, poderia fazer com que convivêssemos com a natureza retirando dela o necessário a nossa sobrevivência:

A liberdade só pode consistir em que o homem social, os produtores associados, regulem racionalmente esse seu metabolismo com a natureza, trazendo-a para seu controle comunitário, em vez de serem dominados por ele como se fora uma força cega; que o façam com o mínimo emprego de forças e sob as condições mais dignas e adequadas à sua natureza humana (MARX, 1988, p.255).

Mas Marx também se preocupa diretamente com a destruição da natureza, advinda dos males do capitalismo. Pois Marx é um autor que não separa as condições da natureza de suas relações sociais e históricas. Vejamos estas passagens do Capital:

Por outro lado, a grande propriedade fundiária reduz a população agrícola a um mínimo em decréscimo contínuo, opondo-lhe uma população industrial que aumenta sem cessar, concentrada nas grandes cidades. Produz assim as condições que provocam ruptura insanável na coesão do metabolismo social estabelecido pelas leis naturais da vida. Em consequência, dissipam-se os recursos da terra e o comércio leva este desperdício muito além das fronteiras do país (MARX, s.d, 931)

E Marx prossegue demonstrando a contradição entre o desenvolvimento do capitalismo e o equilíbrio na natureza. Neste ponto, podemos fazer a leitura, baseada em Marx, do que aconteceu, e acontece, no campo brasileiro e mundial, com o crescimento do agronegócio:

A grande indústria e a grande agricultura exploradas industrialmente atuam em conjunto. Se na origem se distinguem porque a primeira devasta e arruína mais a força de trabalho, a força natural do homem e a segunda, mais diretamente, a força natural do solo, mais tarde em seu desenvolvimento, dão-se as mãos: o sistema industrial no campo passa a debilitar também os trabalhadores e a indústria e o comércio a proporcionar à agricultura os meios de esgotar a terra (MARX, s.d, p.931).

Mas além destas citações de Marx, existe uma obra de seu parceiro político e intelectual, Frederico Engels, que é de grande atualidade na discussão da questão ambiental e da relação entre o ser humano e a natureza. Apesar do tamanho, a transcrição é fundamental:

Contudo, não nos deixemos dominar pelo entusiasmo em face de nossas vitórias sobre a natureza. Após cada uma dessas vitórias a natureza adota sua vingança. É verdade que as primeiras consequências dessas vitórias são as previstas por nós, mas em segundo e em terceiro lugar aparecem consequências muito diversas, totalmente imprevistas e que, com frequência, anulam as primeiras. Os homens que na Mesopotâmia, na Grécia, na Ásia Menor e outras regiões devastavam os bosques para obter terra de cultivo nem sequer podiam imaginar que, eliminando com os bosques os centros de acumulação e reserva de umidade, estavam assentando as bases da atual aridez dessas terras. Os italianos dos Alpes, que destruíram nas encostas meridionais os bosques de pinheiros, conservados com tanto carinho nas encostas setentrionais, não tinham idéia de que com isso destruíam as raízes da indústria de laticínios em sua região; e muito menos podiam prever que, procedendo desse modo, deixavam a maior parte do ano secas as suas fontes de montanha, com o que lhes permitiam, chegado o período das chuvas, despejar com maior fúria suas torrentes sobre a planície. Os que difundiram o cultivo da batata na Europa não sabiam que com esse tubérculo farináceo difundiam por sua vez a escrofulose. Assim, a cada passo, os fatos recordam que nosso domínio sobre a natureza não se parece em nada com o domínio de um conquistador sobre o povo conquistado, que não é o domínio de alguém situado fora da natureza, mas que nós, por

nossa carne, nosso sangue e nosso cérebro, pertencemos à natureza, encontramos-nos em seu seio, e todo o nosso domínio sobre ela consiste em que, diferentemente dos demais seres, somos capazes de conhecer suas leis e aplicá-las de maneira adequada (ENGELS, 2011)

Quando um industrial ou um comerciante vende a mercadoria produzida ou comprada por ele e obtém o lucro habitual, dá-se por satisfeito e não lhe interessa de maneira alguma o que possa ocorrer depois com essa mercadoria e seu comprador. O mesmo se verifica com as conseqüências naturais dessas mesmas ações. Quando, em Cuba, os plantadores espanhóis queimavam os bosques nas encostas das montanhas para obter com a cinza um adubo que só lhes permitia fertilizar uma geração de cafeeiros de alto rendimento pouco lhes importava que as chuvas torrenciais dos trópicos varressem a camada vegetal do solo, privada da proteção das árvores, e não deixassem depois de si senão rochas desnudas! Com o atual modo de produção e no que se refere tanto às conseqüências naturais como às conseqüências sociais dos atos realizados pelos homens, o que interessa prioritariamente são apenas os primeiros resultados, os mais palpáveis (ENGELS, 2011).

Desta forma vemos como na obra e no método dialético de Marx e Engels encontra-se uma filosofia que coloca o ser humano como ser da natureza e que, conseqüentemente, deve fazer o melhor uso possível desta. Pois ao transformar a natureza, transforma-se a si próprio.

Marx e Engels e a sociedade da mercadoria

“A produção não apenas produz o homem como uma *utilidade*, a *utilidade humana*, o homem sob a forma de *mercadoria*; de acordo com essa situação, produz o homem como um ser *mental e fisicamente desumanizado*” (*Manuscritos Econômicos e Filosóficos*)

Neste limiar de século, a questão ambiental apresenta-se como uma das mais sérias preocupações das sociedades humanas. A necessidade de vivermos em um meio sócio/ambiental sadio, livre dos venenos, das transposições, das poluições, dentre outros, mobiliza e engaja diversos setores sociais para as lutas políticas de nosso tempo. Diversos e mundializados movimentos sociais e pessoas questionam o porquê de passarmos a nossa vida atrás de “mais e mais” mercadorias e passam a defender uma vida mais simples, equilibrada e sustentável. Pedem “um novo mundo” e dizem “ser possível”. Assim, as políticas ambientais tornam-se o epicentro das políticas questionadoras do modo de produção e consumo da nossa sociedade que vive submetida à produção e reprodução da mercadoria.

Mas estas reflexões devem ser contextualizadas nas relações sociais concretas de sociedades cindidas em classes sociais. Assim, se as preocupações ambientais perpassam diversos interesses de classes, as análises e soluções que envolvem a questão são diversas e conflituosas.

De um lado, o capital, seja do campo ou da cidade, necessitando produzir e reproduzir mercadorias, levando a que o cidadão seja levado ao consumismo exacerbado e a natureza sofra a degradação ambiental. Na perspectiva do capital, o “progresso” levaria inevitavelmente a degradação ambiental, já que recursos naturais e grandes obras são sempre necessários a sua reprodução. Assim, a solução seria amenizar esta problemática e produzir mais mercadorias capazes de conter a degradação, como filtros antipoluentes, ou apenas “reciclar” mercadoria para que elas entrem novamente no processo produtivo.

Por outro lado, os críticos do capitalismo defendem que podemos viver de forma mais harmônica com a natureza, rejeitando os cânones do sistema e o consumismo desenfreado. Mas para tanto, a luta política e uma nova mentalidade cultural, formada e disputada hegemonicamente no campo das idéias, seria fundamental.

Pois vivemos em um mundo em que a reprodução do capital acontece em um ritmo alucinante e a destruição ambiental, a falta de preocupação com o equilíbrio sócio/natural e o consumismo “sem

fim e finalidade” é o combustível para o capital. As políticas ambientais, assim, no mundo capitalista, aparecem como um “entrave” ao desenvolvimento.

O capitalismo é o sistema, por excelência, produtor de mercadorias, reproduzindo-se no e para o mercado. Para a reprodução do capital, o importante é que a mercadoria seja produzida, reproduzida e consumida, não interessando o quê venha a ser produzido. E como a matéria prima vem da natureza, esta torna-se motivo de cobiça e de destruição. Marx mostrou que no atual modo de reprodução, somos dependentes da mercadoria, e não o contrário. Ou seja, o ser humano tornou-se uma consequência da produção de mercadorias. Assim, neste sistema, se “o país” produz muito, verá o aumento de seu Produto Interno Bruto, o PIB, de seus impostos, a criação de empregos e a possibilidade de novos consumos. É o consumismo definindo a vida dos seres humanos.

Afinal, o importante é este crescimento. E ele só acontece se produzirmos e consumirmos infinitamente. Se assim acontecer, no “melhor dos mundos do capital”, as empresas produzirão mais mercadorias e os governos terão recursos provenientes de impostos para aplicar nas políticas sociais e apoiar a reprodução do capital. Isto, repito, no nível ideal do capitalismo. Pois sabemos que este sistema exclui parcelas até do consumo mínimo, explora o trabalho e concentra renda e meios de produção.

Ao mesmo tempo, para viabilizar este consumo desenfreado, a única opção é a destruição da natureza. E, como somos seres da natureza, ao destruí-la, também perdemos qualidade de vida. É a roda viva do sistema.

Em outros termos, podemos observar como os indivíduos tornam-se dependentes da produção de mercadorias. Cria-se o paradoxo: o ser humano, que pelo seu trabalho é o criador de toda mercadoria, torna-se dependente desta. O seu emprego e o seu consumo tornam-se dependente da produção e circulação das mercadorias que ele produz. Assim, o objeto, representado pela mercadoria, subjugou o ser humano e vivemos em um mundo no qual a desumanização e a alienação são constantes nas relações sociais.

Além destas questões, a mercadoria é capaz de definir nosso status social. Vejam como as pessoas são definidas pelo seu carro, suas roupas, enfim, seus hábitos de consumo. O dinheiro, elemento base nas relações de troca de mercadorias no sistema capitalista, assume ares de misticismo. É como se ele tivesse vida própria e não fosse produto de relações sociais complexas contraditórias e, quase sempre, envolvendo a exploração do trabalho humano. Ele, o dinheiro, deixa de ser o meio e torna-se o fim da sociedade produtora de mercadorias. Assume vida própria e, mais uma vez, o ser humano é subjugado.

É conhecida a frase de Marx de que para construirmos o comunismo “necessitamos sair do reino da necessidade e entrarmos no reino da liberdade”. E, para tanto, Marx viu no desenvolvimento da ciência e da técnica, juntamente com o desenvolvimento industrial, a possibilidade de nos livrarmos das necessidades básicas e primárias que a natureza nos impõe -como a luta pelo alimento, pelo vestuário, pelo transporte ou pela habitação, que geralmente causava guerras e discórdias- para que possamos viver o mundo da liberdade, ou seja, da livre criatividade, da dedicação ao lazer, às artes, a filosofia.

Enfim o desenvolvimento científico e tecnológico -de que Marx era um entusiasta, já que se trata de conquistas do ser humano- poderia fazer com que trabalhássemos menos nas atividades mais alienadas e brutalizantes e tivéssemos tempo para o nosso pleno desenvolvimento integral, ou onilateral (o contrário de unilateral), além, logicamente, de tornar nossas vidas mais fáceis e atraentes. Desde que utilizadas para o bem viver dos seres humanos, e não apenas da burguesia, Marx era entusiasta das inovações científicas e tecnológicas.

Esta questão remete-nos ao próprio conceito de ser humano que se desenvolveu social e historicamente. Ao buscarmos conhecer a natureza, gerando todo o nosso arcabouço civilizatório, desenvolvemos um ser social muito diferente dos animais. De acordo com PEDROSA:

Os animais são seres naturais, mas o homem é um ser natural-histórico: com sua lucidez é capaz de criar o qualitativamente novo. Para o animal a natureza é o limite, mas para o homem ela é o ponto de partida. (PEDROSA, 2007, p. 87)

Mas para desenvolvermos a ciência, necessitaríamos conhecer cada vez mais a natureza, para “dominá-la”. Esta defesa de Marx e Engels de “domínio da natureza” foi bastante deturpada, e LOWY busca desfazer estes equívocos:

[...] Os termos “supremacia” ou “dominação” da natureza remetem com frequência, em Marx e Engels, simplesmente ao conhecimento das leis da natureza (LOWY, 2005, p.20)

Paul Lafargue<sup>3</sup>, genro de Marx e militante comunista, escreveu algumas passagens sobre a vida e pensamento do sogro. Em uma das passagens diz:

A ciência não deve significar apenas um prazer egoístico”, dizia Marx. “Os que têm a oportunidade de se consagrar aos estudos científicos deverão ser os primeiros a pôr seus conhecimentos a serviço da humanidade.” Uma de suas frases favoritas era: “Trabalhar pela humanidade

Mas se é certo que o ser humano conquistou grande desenvolvimento, continua colocada a seguinte questão: o que produzimos? Para quem? Para quê? É interessante observarmos que estas questões não são debatidas no sistema capitalista. Os aumentos da riqueza, da produção e da arrecadação são metas a serem alcançadas independentes do que é produzido. O importante é produzir e consumir. Não interessa a devastação da natureza e o consumismo desenfreado e sem sentido. Interessa, ao capital, o consumo. No projeto da modernidade capitalista o importante é que a mercadoria seja produzida e consumida.

Se o ser humano é um ser histórico e social criativo, que desenvolveu a capacidade de conhecer a natureza e aplicá-la em seu cotidiano e, se estas conquistas são constantes, as sociedades capitalistas conseguiram transformar, infelizmente, este desejo humano de liberdade em desejo de possuir novas mercadorias. Na briga do “ser ou ter” (apesar de não serem totalmente dicotômicos), a sociedade do capital tem conseguido direcionar nossas conquistas humanas para o segundo, ou seja, para o simples desejo de “ter pelo ter”.

Marx defende que, em vez de sermos dominados pela mercadoria, sejamos definidores, socialmente, do que devemos ou queremos produzir. É uma inversão total da lógica do mercado e, assim, podemos debater, inclusive nossa relação com a natureza. Como diz Marx no livro III de O capital, defendendo a racionalização da produção e nosso metabolismo com a natureza:

[...] a única liberdade possível é a regulação racional, pelo ser humano socializado, pelos produtores associados, de seu metabolismo com a natureza que eles controlam juntos ao invés de serem dominados por ele como uma potência cega (MARX),

LOWY diz que Marx e Engels sempre denunciaram a lógica da produção pela produção e, assim seria um absurdo acusa-los de “produtivistas”. Respondendo se seria lógica esta acusação, responde:

Não, na medida em que ninguém denunciou tanto quanto Marx a lógica destrutiva de

---

<sup>3</sup> Paul Lafargue, casado com Laura Marx, era um médico nascido em Cuba e militante socialista. Escreveu um interessante livro denominado “O direito à preguiça”, no qual mostra que o ser humano não necessitava de trabalhar mais do que três horas por dia.

produção pela produção, a acumulação de capital, de riquezas e de mercadorias como um fim em si. A idéia mesma de socialismo [...] é a de uma produção de valores de uso, de bens necessários à satisfação das necessidades humanas. O objetivo supremo do progresso técnico para Marx não é o crescimento infinito de bens (o ter) mas a redução da jornada de trabalho e o crescimento do tempo livre (o ser) (LOWY, 2005, 23-24).

Marx e Engels eram severos críticos do capitalismo e, como tal, da sociedade que se funda na produção infinita de mercadorias. E como a matéria prima para a produção de mercadorias vem da natureza, esta torna-se motivo de cobiça e de destruição. Somos dependentes, no capitalismo, da produção de mercadoria. Vivemos num mundo em que o capital se globaliza, expande e estende seus tentáculos para todos os cantos. O individualismo ganha espaço e, mesmo governos outrora de “esquerda” só pensam em entrar nesta ordem mundial do capital.

Estas discussões teóricas servem como crítica ao sistema social/econômico/político e ecológico assumidos, inclusive, pela hegemônica nova “esquerda mundial”, que não se propõe a romper com o modo de produção capitalista. Esta “nova esquerda”, próxima de uma social-democracia tardia, ou de um Liberalismo-Social, com muita força em países importantes da América Latina, como Brasil e Argentina<sup>4</sup>, ou países europeus, não discute a produção e reprodução do capital e as relações sociais e ambientais daí advindas, pois a meta destes governos é inserir-se nesta nova ordem, baseando-se no paradigma produtivista para impulsionar a economia de seus países. Desta forma, não debatem a alternativa socialista, pois vivemos um momento histórico em que o capital se globaliza, expande e estende seus tentáculos para todos os cantos e o individualismo torna-se o novo ideal humano.

Hoje já somos capazes de transformar o próprio alimento em mercadoria e pesquisamos projetos transgênicos para, pretensamente, aumentar a produção destes. Somos capazes de desviar rios sem vermos se existem alternativas mais viáveis social e ecologicamente. Mas estes projetos correm os riscos de se tornarem inapropriado para nós, seres humanos, pois podem colocar em perigo a própria existência humana ou a vida no planeta terra.

Em Marx e Engels não existe nenhuma apologia ao modo de produção capitalista. Se eles tiveram entusiasmo pelos avanços científico e tecnológicos, de todo modo imprescindíveis ao desenvolvimento e bem estar humanos, de modo algum defenderam a anarquia do mercado ou a “produção pela produção”. Foram críticos do capitalismo, onde quer que ele se instalasse. Nunca demonstraram entusiasmo ou foram apologistas do capitalismo europeu, sendo, antes, muito críticos, a ponto de pregarem uma revolução. Em seus textos acerca da Comuna de Paris (Marx, 1871), dizia que os trabalhadores não poderiam tomar o poder de estado e fazê-la funcionar a seu favor. Era necessário, para Marx, “quebrar a máquina de estado” e transformá-la radicalmente.

## **Conclusão**

O Bem-Viver encontra em Marx, e este no Bem-Viver, muito mais afinidades do que desencontros. Ambos querem transformar esta sociedade e criar outro mundo possível e necessário. Em ambos, a humanidade é parte da natureza, apesar de que o ser humano, como ser histórico e social, procura conviver com esta e emancipar-se da necessidade da simples sobrevivência para viver a plenitude da liberdade humana. Ambos criticam o consumo como mercantilização da vida, ambos propõem uma vida menos individualista e mais social e solidária. Ambos carregam a esperança de um ser humano emancipado do capital.

Assim, tanto o marxismo como o Bem-Viver dizem que necessitamos ir além desta sociedade da mercadoria e ousarmos construirmos um novo modo de vida que seja social e ecologicamente

---

<sup>4</sup> Mais especificamente, os períodos Lula/Dilma no Brasil e o período dos Kirchner na Argentina.



integrados. Esta nova sociedade teria de passar por mudanças sociais, econômicas, políticas e éticas profundas, devendo abandonar a idéia de “crescimento” capitalista e trabalhar para a construção de uma nova sociedade em que o desenvolvimento humano, intelectual e espiritual seja prioridade. Sem a necessidade da opulência e luxo para alguns, mas com garantias de uma vida digna e confortável e cheia de sentidos para todos.

Assim, estas novas relações sociais deveriam priorizar o planejamento e definir, socialmente, e não individualmente, as necessidades da sociedade e a resolução de problemas sociais. Deve, também, abandonar o mercado anárquico que se reproduz apoiado na abstração midiática e publicitária que induz ao consumo e priorizar o desenvolvimento levando em conta as reais necessidades de uma vida digna.

Mas quais seriam estas necessidades? Teríamos de debater socialmente quais seriam as prioridades humanas. Ou, nos dizeres de Marx “a estrutura do processo vital da sociedade só pode desprender-se do seu véu nebuloso e místico, no dia em que for obra de homens livremente associados, submetida a seu controle e planejamento” (O Capital). Ou seja, a sociedade deve questionar a produção de mercadorias capitalistas, planejando e submetendo esta ao controle do ser humano.

Deve-se defender a construção de uma nova sociedade em que o desenvolvimento humano, intelectual e espiritual seja prioridade. Que o antigo dilema entre “ser e ter” termine com a vitória efetiva do primeiro. Temos consciência de que a defesa de um modelo de desenvolvimento em que o importante seria “produzir por produzir”, transformamos o meio ambiente e tudo mais em mercadoria.

Sabemos que, para além das nossas condições básicas de sobrevivência, como alimentar, vestir ou abrigar, incorporamos direitos à nossa cultura, como o direito à educação, a informação, a comunicação, a saúde, ao meio-ambiente saudável, a habitação digna, ao transporte coletivo, ao lazer, às festas, às viagens, à arte, ao ócio, ao entretenimento, ao trabalho criativo e estes novos direitos devem ser vistas como novas prioridades. É claro que sempre vamos e iremos além. E todos os povos podem dar a sua contribuição no quem de positivo. Assim como devemos saber desmascarar o que existe de ideologia dominante em cada cultura.

O desenvolvimento da ciência e da técnica, sob o controle humano, pode e deve nos proporcionar uma vida cada vez mais digna e confortável. Não podemos ser conformistas, mas sim revolucionários. E isto implica também em desenvolver a ciência e a técnica e debatermos socialmente o seu destino. Isto Marx nos ensina e nos deixa de herança.

Assim, a sociedade deve priorizar a produção de valores reais e não imaginários, valorizando mais o valor de uso do que o valor de troca. Poderemos criar a cultura da solidariedade, vendo no outro um parceiro social em vez de um concorrente.

## Bibliografia

ARKONADA, Katu. Descolonização e Viver Bem são intrinsecamente ligados, Unisinos: IHU On Line, [http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=3439&secao=340](http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=3439&secao=340) – acessado em 29/10/2011.

CONIC- Conselho Nacional das Igrejas Cristãs do Brasil.  
[http://www.conic.org.br/index.php?system=news&news\\_id=1544&action=read](http://www.conic.org.br/index.php?system=news&news_id=1544&action=read) . Acessado em 29/10/2011

DUARTE, Rodrigo. Marx e a natureza em O Capital. São Paulo: Loyola, 1986.

ENGELS, F. Sobre o papel do trabalho na transformação do macaco em homem, <http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/macaco.html>, acessado em 31/10/2011.

LAFARGUE, Paul. Recordações pessoais sobre Karl Marx. <http://www.marxists.org/portugues/lafargue/ano/mes/marx.htm> . acessado em 07/11/2011.

LOUREIRO, Carlos F. Pensamento crítico, tradição marxista e questão ambiental: ampliando os debates. In: Loureiro, Carlos F. A questão ambiental no pensamento crítico. Rio de Janeiro: Quartet, 2007.

LOWY, Michael, Ecologia e Socialismo. São Paulo: Cortez, 2005.

MARX, K. Crítica ao Programa de Gotha. Rio de Janeiro: Livraria Ciência e Paz, 1984.

MARX, K. Manuscritos econômicos filosóficos. São Paulo: Martin Claret, 2001.

MARX, K. O Capital. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

MARX, K. O Capital. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, s.d, Livro 3, V. 6.

PEDROSA, José Geraldo. O capital e a natureza no pensamento crítico. In: Loureiro, Carlos F. A questão ambiental no pensamento crítico. Rio de Janeiro: Quartet, 2007.